

Ceará

UM AMOR NASCIDO NA LUTA E CULTIVADO PELA VIDA

Meu nome é Maria de Jesus Alves Vieira, tenho 63 anos, sou uma entre 23 irmãos e nasci no município de Saboeiro. Minha vida começou de forma simples, no meio da serra, em um lugar chamado Monte Cristo.

Lá eu trabalhava com meu pai na lavoura, plantando arroz, batata, na revença (ou vazante - cultivo realizado na área que fica exposta à medida que o nível da água de um açude ou lagoa baixa durante períodos de seca ou estiagem, aproveitando a umidade residual do solo) do açude. Era trabalho pesado, mas era o que sustentava nossa família. Foi nesse tempo que vivi o primeiro encontro que mudaria toda a minha vida. Um dia, enquanto eu colocava o gado para fora da serra, acabei me perdendo na rodagem. Eu estava a pé, quando de repente ele apareceu, montado a cavalo. Ajudou a colocar o gado na cerca e foi embora. Assim conheci Francisco Francimar Vieira, que também era vaqueiro.

Depois disso, começamos a nos ver mais vezes. Eu tinha namorado e ele, namorada, mas quando a gente se encontrava, esquecia de tudo. Conversávamos, brincávamos, criamos uma amizade que foi virando amor sem a gente perceber. Mais tarde, passei um tempo em Juazeiro do Norte, na casa de uma irmã. Quando voltei, eu já tinha um pouco de leitura. Não era muito estudo, mas eu conseguia ler bastante coisa.

A mãe dele me chamou para ir morar perto e ensinar seus filhos, irmãos e netos. Era muita gente. Eu tinha 15 anos, ele 17, e foi ali que começamos a namorar de verdade. Meus pais não aceitaram o relacionamento. Quando souberam, mandaram meu irmão mais velho me buscar. Eu já morava na cidade, tinha meu trabalho, e foi uma tristeza grande ter que deixar tudo para voltar.





Foi nesse momento, aos meus 16 anos, que ele me disse que, se me levasse com ele, a gente se casava. No outro dia, às 4 da tarde, ele cumpriu a palavra. Meus irmãos tinham saído para buscar água, eu fui junto, entrei na casa onde ele estava, e quando eles subiram, nós viemos. Fugimos. Um mês depois, nos casamos. Nossa vida juntos começou cedo e cheia de desafios. Tivemos 9 filhos, mas Deus levou 4, e essa dor me acompanha até hoje. Permaneceram 5 filhos, que nos deram 10 netos e uma bisneta, que são nossa alegria.

A vida foi dura. Vendemos lenha, carvão, andando pelas ruas para garantir o sustento da casa. Mesmo assim, nunca deixamos de seguir em frente. Já morando nesta casa, surgiu uma oportunidade que mudou nosso caminho. O prefeito passou pela comunidade e perguntou se havia alguém para ensinar. Meu nome foi lembrado, porque eu já tinha sido professora. Voltei a estudar porque eu só tinha até a 4ª série, mas entendi que, para ensinar, precisava aprender mais. Fiz o curso de Pedagogia. Foi um tempo muito difícil, não tinha energia elétrica, eu estudava à lamparina, cuidava dos filhos pequenos e ainda ensinava. Eu ia para o Crato, passava três dias estudando lá e o resto do tempo estudava aqui. Quando terminei, comecei a ganhar um salário de 40 reais, tudo para ajudar minha família e caminhar ao lado do meu esposo.

Quando o prefeito perdeu a eleição, perdi também o cargo. Voltei para a agricultura, que sempre foi minha raiz. Resgatei sementes que estavam quase desaparecidas e foi nesse período que comecei a conhecer instituições como a ASA e o Instituto Elo Amigo, que me ensinaram novas formas de viver e produzir. Desde então, não saí mais da agricultura, planto cheiro-verde, pimentão, pepino, alface, cebolinha, faço meus canteiros e vendo na cidade. Quando não tenho lugar certo para entregar, coloco tudo no caçua, subo na moto com meu filho ou com meus netos e vou vender na rua. Descobri também o artesanato, faço bonecas de pano, bolsas, e me tornei guardiã de sementes crioulas, guardando sempre para o próximo plantio.



Hoje temos uma cisterna de 16 mil litros e um calçadão de 52 mil litros, conquistas que garantem água e dignidade. Tudo isso veio com muita luta, união e persistência, eu só sabia trabalhar com os pés e as mãos e não sabia multiplicar e nem repassar as minhas experiências para meus netos e meus filhos e hoje eu já sei. Sou grata a Deus por cada passo dessa caminhada e, principalmente, por esse amor que começou de forma simples, entre uma mulher a pé e um vaqueiro a cavalo, e que até hoje segue firme, sendo cultivado todos os dias, como a terra que a gente nunca deixou de amar.